

1.º caso — *Verbo na 3.ª pessoa do plural.*

A apresentação linguística típica de sujeito indeterminado, em português, é deixar o verbo na 3.ª pessoa do plural, não referido a nenhum substantivo no plural anteriormente expresso, nem ao pronome *eles* (G. C. Melo, *NMAS*, 40.):

“*Pediram* silêncio.” (An. Machado, *HR*, 290.) — “*Vão* lá pedir sinceridade ao coragão!” (Camilo, *AP*, 39.)

2.º caso — *Verbo na 3.ª pessoa do singular + pronome se.*

A maioria dos autores relacionam entre os casos de sujeito indeterminado aquele em que o verbo está na 3.ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*: “*Devagar se vai ao longe.*” “*Não se progride sem esforço.*”

Entendem que, quando se diz “*Devagar se vai ao longe.*”, tem-se em mente que “*alguém vai*”, “*qualquer pessoa vai*”, “*a gente vai*”. E, ao contrário destas equivalências com pronomes ou locuções indefinidas, **não existe na oração nenhum termo para exprimir o sujeito**. Ao pronome *se*, por ser atono, não pode caber esse papel: *o se* é apenas um sinal, um indicador da indeterminação. O sujeito existe, mas é INDETERMINADO.

Para outros autores, como Mattoso Camara Jr., trata-se de um caso de ORAÇÃO SEM SUJEITO (V. § 30.), numa construção passiva impessoal (V. § 51, obs.), sendo *o se* pronome apassivador (Cf. *DFG*, s. v. *Apassivador e Passividade.*).

Embora didaticamente seja aconselhável a análise como sujeito indeterminado, frases há em que a construção com o pronome *se* é sem dúvida um caso de oração sem sujeito, como as orações com *tratar-se de* (V. § 30, e.).

Raciocinam eles que, quando se diz “*Devagar se vai ao longe.*”, não se cogita, em princípio, de que “*alguém vai ao longe.*”, mas que “é possível *ir ao longe.*”, impessoalmente; e que “*Não se progride sem esforço.*” equivale a “*Não há progresso sem esforço.*” antes que “*A gente progride sem esforço.*”.

● **Sujeito simples e composto.**

26. Quando tem um só núcleo (substantivo, equivalente, ou pronome), o sujeito é SIMPLES:

“*Eu* teria ido meu caminho.” (M. de Assis, *Sem*, 48.);

“Por que está *você* com esse ar?” (Id., *VH*, 229.);

“*Amanha* é feriado nacional.” (Anibal Machado, *HR*, 159.);

“*Subita mão* de algum fantasma oculto / sacode-me.” (F. Pessoa, *OP*, 57.)

27. É COMPOSTO o sujeito quando tem mais de um núcleo (substantivo, equivalente, ou pronome):

“*Meu pai* e *minha mãe* conservaram-se grandes, temerosos, incógnitos.” (Graciliano, *Inf*, 12.);

“*O magistrado* e *sua família* eram odiosos ao pai de Teresa.” (Camilo, *AP*, 23.);

“*Deus* e *tu* são testemunhas.” (Garrett, ap. Mário Barreto, *GL*, 106.)

● **Sujeito oculto (elíptico).**

28. Nem sempre há necessidade de explicitar o sujeito de uma oração, seja porque já figura numa oração contígua, seja porque a desinência do verbo claramente o indica. Diz-se, então, que o sujeito está elíptico, ou oculto por “elipse” (V. § 22.):

“Estou sozinho.” (O sujeito é o pron. *eu*, implícito na forma verbal *estou*);

“*A empregada* que D. Alice me arranjou traz-me o café e as refeições. *E discreta e alheia.*” (Corção, *LA*, 14.) — (O sujeito dos predicativos *discreta* e *alheia*, no 2.º período, é o pron. *ela*, substituído de *a empregada* que D. Alice me arranjou, que não se repete por já ter aparecido no 1.º período.)

● **Sujeito indeterminado.**

29. Muitas vezes não se pode, ou não se deseja, ou não interessa indicar o sujeito de uma oração, o qual então se diz INDETERMINADO.